

Artigo 4

TEMA: ARTES

O que os olhos não vêem, o coração não sente?

Leonor Chrisman de Macedo

RESUMO

A Oficina de Teatro/Expressão Corporal do IHA tem como suporte para seus trabalhos os estudos sobre desenvolvimento feitos por Vygotsky e pelos objetivos propostos no Núcleo Curricular Básico - Multieducação. A experiência positiva tem ajudado a minimizar dúvidas quanto ao benefício da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas e classes regulares. E essa mesma experiência salienta a importância do desenvolvimento das possibilidades de conhecer e re-significar o mundo através das múltiplas relações.

ABSTRACT

The IHA's Theater/Bodily Expression workshop has, as support for its works, Vygotsky's studies about development, as well as the objectives proposed in the basic curricular nucleus – Multieducation. The positive experience has helped to minimize doubts as to the benefit of the inclusion of students with educational special needs in regular schools and classrooms. And such experience stresses the importance of the development of the possibilities to know and re-signify the world through multiple relations.

População estudada

Os alunos que participam da experiência pedagógica que passo a relatar têm idades entre 12 e 17 anos. Dentre eles, três possuem visão subnormal e dois são cegos. Suas histórias de vida são impregnadas de sofrimento (alguns abandonos, meses em leitos hospitalares...). Quase todos estavam iniciando a construção da leitura e escrita em uma classe especial de uma escola pública da Rede Municipal de Educação. Um aluno dentre eles já se encontrava integrado em uma classe regular de 3ª série. Moram, com exceção de um menino (menino de rua), em uma instituição religiosa e filantrópica dedicada a crianças que possuam deficiência visual e cujas famílias não possam ou se recusem a assumi-las.

Oficina de teatro/expressão corporal

Por que o teatro?

A magia do teatro, sua forma lúdica e rica de viver o mundo nos fez oferecê-lo a crianças e adolescentes cegos e de visão subnormal, alunos das escolas da rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro.

Já sabíamos das possibilidades pedagógicas que o teatro oferece em relação à desinibição, à construção da alegria, a novas aprendizagens. Mas foi trabalhando, estudando, efetivando novas convicções que pudemos experimentar possibilidades infinitamente maiores.

Por isso, nosso planejamento foi sendo avaliado e refeito constantemente. Cada encontro com os alunos deixava antever novas oportunidades de mediação. Consequentemente o desenvolvimento de cada um e do grupo como um todo deixaram de ser apenas nosso objetivo e responsabilidade para passar a ser também nossa maior motivação e alegria.

Como se deu a experiência?

Logo de início encontramos dificuldades:

- S Como movimentar-se com segurança no palco?
- S Como encontrar objetos em cena com desenvoltura?
- S Por que voltar o ouvido ao interlocutor e não o rosto, como a pessoa vidente?

Mas se existem dificuldades, deve haver soluções. Fomos em busca.

Os primeiros passos foram no sentido de encontrar adaptações simples, como corda ao redor do palco (evitando quedas), mobiliário sempre no mesmo lugar para dar mais segurança. E organizamos exercícios em que a orientação e a mobilidade fossem repletas de sentido e novos significados.

Propusemos muitos jogos teatrais que exigissem a expressão do corpo. Foram “brincadeiras” prazerosas em que os alunos redescobriam seus corpos. E aí não só as palavras passaram a ser usadas, mas também os corpos começaram a falar.

Teatro: expressão e vida

No teatro, nunca se trabalha apenas com um aspecto do aluno ou com alguma habilidade que se queira desenvolver; trabalha-se com o ser humano integral.

Quando se dá a um aluno a possibilidade de viver um personagem ou uma situação fictícia, dá-se também o espaço para:

S se a situação for bem próxima ao seu cotidiano, experimentar de forma volitiva, consciente e analítica o que já vivenciou de forma espontânea. E esse refazer da experiência ajuda na descoberta de novas soluções, novos caminhos... proporcionando a criatividade, a iniciativa e a auto-regulação;¹

S se a situação trazer muitos elementos novos, desconhecidos, antecipa experiências e a isso chamamos bom aprendizado, isto é, aquele que provoca o desenvolvimento e possibilita a consolidação de funções que ainda não estavam amadurecidas.

Talvez esteja aí, nessa análise, na conscientização e na antecipação de experiências, a maior oportunidade de desenvolvimento das funções afetivo-cognitivas como o planejamento e a auto-regulação.

A escolha do tipo e forma de mediação é importante para qualquer fase do desenvolvimento humano, mas, no caso das crianças e adolescentes cegos a atenção para a seleção adequada é de primordial importância.

A palavra no teatro

O teatro oferece ainda mais. Cada situação experimentada traz novas oportunidades semânticas, tornando a compreensão da linguagem mais abrangente e a comunicação mais eficiente.

“A fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança.”

Vygotsky

A linguagem para o cego talvez seja mais importante do que para as crianças videntes.

O que os olhos não vêem o coração pode sentir e conhecer através da palavra dos outros.

No expressar... o descobrir-se

Ninguém faz teatro para si. O teatro é para ser comunicado. Desta maneira, uma dificuldade, até então relegada a segundo plano, tornou-se insustentável – os rostos não diziam o que as palavras e os corpos tentavam transmitir.

Mas seria importante para o próprio cego a expressão facial? Deveríamos criar nas crianças e adolescentes novas expectativas?

Decidimos que valia a pena tentar. Muitas situações foram criadas para que aos poucos fossem conhecendo seus próprios rostos e suas possibilidades. Um trabalho lento e contínuo; mas é notório que as identidades foram sendo reconstruídas ao integrarem os rostos esquecidos aos corpos em evolução.

Embora estivéssemos voltados para descobrir as possibilidades e transformá-las em novas competências, nas crianças e adolescentes as marcas das histórias de vida – calcadas na deficiência e na exclusão – ainda dificultavam os mergulhos na nova aventura de aprender/desenvolver.

Surgiu uma idéia!

Inspirados na história “A toupeira que queria ver o cometa” de Rubem Alves, decidimos encenar a peça “A menina que queria ver o cometa”.

Muito conversamos sobre textos e contextos. Foi necessária a construção de um texto base, para depois, bem aos pouquinhos, os personagens passarem a ter as interferências vivas de seus intérpretes.

A peça por si e a participação dos aprendizes de atores deixa fora de qualquer dúvida a total possibilidade inclusiva do cego na vida produtiva, no lazer, na construção da sociedade...

E a cada vez que apresentamos a peça provamos que todas as pessoas se mostram muito mais capazes quando as expectativas que temos sobre elas não são pensadas a priori, mas construídas através da mútua aprendizagem e em propostas de ensino que privilegiam a ajuda e a assistência necessárias ao desenvolvimento.

Bibliografia

1. BOAL, Augusto. O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
2. FELIPPE, J. A. M. & RHEIN, V. L. Orientação e Mobilidade. São Paulo: Laramara, 1997.
3. VYGOTSKY, L. S. Imaginación y creación em la edad infantil, trad. Francisco Martinez. Habana: Pueblo y Educacion, 2 ed. 1987.
4. __ Fundamentos de Defectología. Habana: Pueblo y Educacion, 1989.
5. __ A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
6. __ Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
7. Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Multieducação: núcleo curricular básico. Rio de Janeiro, 1996.

Leonor Chrisman de Macedo é professora da Oficina de Teatro/Expressão Corporal do Instituto Helena Antipoff – Secretaria Municipal de Educação, graduada em Teologia pela Universidade Santa Úrsula.